

Perseverando Quando Fundamentos Desmoronam

As Canções: Composições do Rei Davi—Parte 3

Salmo 11

Introdução

Em 1934, a associação de veteranos de guerra colocou uma cruz no Deserto Mojave, no Oeste dos Estados Unidos, como um memorial erigido em honra aos soldados mortos na Primeira Guerra Mundial. A cruz tinha apenas poucos mais de 2 metros de altura e foi colocada sobre uma formação rochosa chamada “Rocha do Entardecer.” A cruz ficava no meio do nada.

Em 2001, um ex-funcionário da Reserva Mojave processou o governo, exigindo que a cruz fosse removida. O processo se arrastou na justiça por 10 anos. O juiz até mandou que a cruz fosse coberta com uma caixa de compensado de forma a se parecer mais com um outdoor do que com uma cruz. Mas isso não foi bom o bastante.

Por algum motivo, uma cruz solitária no remoto Deserto Mojave representou uma ameaça à consciência do governo americano que a Associação Humanista, a Aliança Internacional de Ateus, a Fundação para Liberdade Religiosa, a associação de Americanos Unidos para a Separação de Igreja e Estado e vários outros grupos se reuniram para derrubar aquela cruz.

O caso foi levado até à Suprema Corte dos Estados Unidos, onde, em 28 de abril de 2010, o tribunal decidiu, com uma diferença de apenas um voto, que essa pequena cruz branca não endossava religião alguma e deveria permanecer de pé no topo daquela rocha.

Menos de duas semanas depois, alguns ladrões foram à Rocha do Entardecer, cortaram os ferros que sustentavam a cruz e se livraram dela. Até mesmo no Deserto Mojave, onde ninguém a via, a cruz representava a marca de um fundamento que precisava ser eliminado.¹

Desde então, grupos ecumênicos têm solicitado que igrejas, em todos os lugares, removam suas cruzes. O porta-voz de um grupo em particular afirmou que a cruz é um símbolo de opressão e representa uma atitude de superioridade.²

A verdade é que isso não é nada novo. O apóstolo Paulo enfrentou o mesmo problema em sua sociedade. Ele escreveu aos coríntios que a pregação da cruz era ofensiva aos judeus e uma tolice aos gentios (1 Coríntios 1.23). Sinceramente, o desejo de nosso mundo incrédulo é remover da sociedade o fundamento bíblico e até mesmo o próprio Fundador de todas as coisas.

A pergunta que imediatamente emerge na cabeça do crente em meio a esse contexto cultural relativista desprovido de fundamentos bíblicos é a seguinte: o que devemos fazer e como reagir? O exegeta Gaebelin disse que essa é “a pergunta urgente de nossos dias”—e ele escreveu isso em 1939!³

E essa acontece de ser também a pergunta na mente do rei e compositor Davi, uma pergunta que permanece crítica até hoje, 3 mil anos depois. Sua pergunta aparece no Salmo 11.3: ***Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?***

No verso 1, Davi faz uma declaração de sua total confiança e dependência no Senhor: ***No SENHOR me refugio***. Não sabemos que tipo de problema Davi estava enfrentando aqui, se fugia do rei Saul ou de seu filho rebelde Absalão. O que sabemos com certeza é que Deus não garante um mar de rosas para Seus seguidores; Deus não promete aprovação do mundo.

E apesar de Davi começar o Salmo com uma declaração tremenda de fé, o conselho que ele recebe nos incomoda; ele diz: ***Como dizeis, pois, à minha alma: Foge, como pássaro, para o teu monte?*** Ou seja, fuja para segurança como um pássaro desesperado.

Com certa frequência, ouço pessoas afirmando que a melhor coisa que podemos fazer é escapar da luta, fugir das pressões da cultura corrompida, nos esconder em algum lugar remoto e preservar nossas vidas. Veja bem: nossa missão não é escapar do mundo, mas nos envolver no mundo para lhe apresentar o Evangelho.

E devemos fazer isso a despeito do perigo que corremos. Davi descreve o perigo no verso 2: ***Porque eis aí os ímpios, armam o arco, dispõem a sua flecha na corda, para, às ocultas, dispararem contra os retos de coração.***

O arco era a arma mais temida nos dias de Davi, e seus inimigos já estão com a mira no alvo. E eles miram em Davi ***às ocultas***, ou seja, à noite. A versão grega do Antigo Testamento traduz essa expressão como “numa noite sem lua.”⁴ Essa é outra forma de dizer que Davi não tem chance alguma aqui.

Os conselheiros de Davi usam um tempo verbal para destacar a seriedade da situação: o sol já se pôs, os inimigos já envergaram o arco, a flecha já está na corda e o alvo já está na mira.⁵ É exatamente por isso que Davi termina a primeira estrofe dizendo no verso 3: ***Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?*** Como reagir a isso, que plano dará certo?

A palavra hebraica para ***fundamentos*** significa “a ordem estabelecida das coisas.” Com essa expressão, Davi compara a sociedade a um prédio. Os fundamentos da sociedade—lei, ordem, verdade, justiça, moralidade, decência, integridade, etc.⁶ O que o justo fará diante das flechas que as trevas pecaminosas atiram contra ele? ***Destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?***

Davi responde essa pergunta na última estrofe dessa composição. Sua resposta baseia-se na seguinte premissa: existe um fundamento debaixo dos fundamentos. Debaixo dos fundamentos frágeis e deteriorantes das opiniões dos homens está o fundamento eterno, de granito, dos propósitos e planos soberanos de Deus.⁷ E esse fundamento jamais se deteriorará.

Dividi a resposta poética de Davi em cinco partes.

1. A primeira parte da estrofe diz: Deus permanece inabalável em Sua soberania.

O verso 4 diz: ***O SENHOR está no seu santo templo; nos céus tem o SENHOR seu trono.*** A priori, isso não parece ser tão encorajador assim:

“Ótimo! Deus está lá no céu... a milhões de anos-luz de nós.”⁸

Mas Davi não nos manda cantar sobre o fato de Deus estar distante de nós, mas de Deus governar para todo sempre. O trono do Senhor não se refere à Sua inatividade, mas à Sua supremacia.⁹

E quando vivemos numa sociedade onde tudo está se deteriorando, e já que perseverança tem a ver com nosso foco, em que você concentra seu olhar—nos fundamentos que se desintegram ou no fundamento eterno debaixo de tudo o que existe—o inabalável governo soberano de Deus, o qual nunca se incomoda e jamais se levantará de Seu trono?

Podemos olhar ao nosso redor e dizer: “Desisto!” Ou olhar para cima e dizer: “Continuarei!”

Deus permanece inabalável em Sua soberania.

2. Segundo, Deus permanece ciente de Sua criação.

Davi continua nos versos 4–5: *os seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam os filhos dos homens. O SENHOR põe à prova ao justo e ao ímpio.* Ou seja, enquanto os fundamentos são destruídos, Deus observa, Ele sabe. Ele vê Davi e seus inimigos o cercando à noite para mata-lo. Deus consegue ver no escuro.

No texto hebraico, a ideia de *pálpebras* está ligada ao ato de testar, provar, escrutinar, examinar minuciosamente—como nós fazemos quando quase fechamos os olhos para focar em algo. Davi diz que Deus não somente vê, mas vai fechando os olhos, focando nos ímpios, olhando-os de perto.¹⁰ Nada escapa de Seu olhar; e a implicação óbvia disso é que Deus é uma testemunha ocular de tudo o que acontece.

Davi escreve que Deus examina todos, tanto justos como injustos; isto é, tanto os que se

relacionam com Ele pela fé, como os que O afrontam em incredulidade. Isso é aterrorizante ao descrente que um dia se apresentará diante de Deus no julgamento do Grande Trono Branco, descobrindo que cada pecado é digno de julgamento e que Deus testemunhou cada obra, pensamento e motivo.

No caso do crente, cujas obras, pensamentos e motivos pecaminosos já foram julgados com a ira de Deus na morte de Cristo, isso significa que tudo aquilo pelo que você passa na vida—cada dificuldade, injustiça, sofrimento e boa obra—tudo está evidente aos olhos de Deus que vê tudo e providencia tudo (Mateus 6.6; Hebreus 6.10).

Deus permanece inabalável em Sua soberania e Deus permanece ciente de Sua criação.

3. Terceiro, Deus permanece justo em Sua ira.

Continue no verso 5: *mas, ao que ama a violência, a sua alma o abomina.* Conectado à ideia de abominação está a ideia de rejeição. De forma simples, Deus rejeita o pecador não arrependido. E essa é uma palavra dura também que, francamente, as pessoas correm para encobrir e suavizar com o famoso clichê: “Deus odeia o pecado, mas ama os pecadores.”

Essa afirmação é ao mesmo tempo verdadeira e falsa. E isso foi o que Davi acabou de dizer. Davi disse que Deus odeia o pecador—o que pratica a violência—e que odeia o pecado. Mas a Bíblia também diz que Deus ama o pecador e veio para morrer por pecadores.

Então, qual dos dois está certo? Tanto o amor de Deus como Sua ira justa contra pecadores fazem parte de Seus atributos—atributos que não ouvimos com bastante frequência. E, dependendo do texto que você estiver lendo, a Bíblia enfatizará um ou outro.

A Bíblia trata a questão da eleição e da responsabilidade humana de forma semelhante—algumas passagens enfatizam a obra graciosa de Deus e Seu decreto da eleição para redimir os que serão salvos; já outras passagens revelam que devemos invocar o nome do Senhor a fim de sermos salvos e, quem quiser, venha.

Então, qual dos dois é verdade? Ambos.

Deus ama e odeia ao mesmo tempo—e isso perfeita, justa e completamente. Por exemplo, Deus ama:

- ***Porque Deus amou ao mundo*** (João 3.16).
- ***Mas Deus prova seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores*** (Romanos 5.8).

Mas Deus também odeia:

- ***Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que praticam a iniquidade*** (Salmo 5.5).
- ***Amei Jacó, porém aborreci Esaú*** (Romanos 9.13).
- ***Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*** (Tiago 4.4).

Em nosso Salmo, Davi enfatiza o atributo da ira santa contra pecadores e seus atos violentos a fim de lembrar o crente de que, não importa quão terrível a vida se torne quando os fundamentos ao seu redor forem destruídos, a situação nunca ficará tão terrível como aquela que aguarda aqueles que Deus odeia. Um dia, Sua ira e santa justiça serão derramadas para sempre sobre Seus inimigos—os que não se arrependem de seus pecados e não abriram mão de sua violência, imoralidade e lascívia.

Os crentes geralmente não apresentam uma imagem honesta do sério perigo que pecadores correm quando saem por aí dizendo: “Deus o ama e tem um plano maravilhoso para você,” ou, “Deus odeia o pecado, mas o ama profundamente.” É como se a igreja estivesse se esforçando para tornar Deus menos ofensivo ao mundo. Veja bem: Deus não se importa em ser visto como ofensivo! O Evangelho é ofensivo e Deus acontece de estar *ofendido!*

A cruz foi Sua maior expressão de ódio contra o pecado e também é a Sua maior demonstração do quanto o pecado O ofende e do quanto Deus está ofendido com o pecado.

Como vemos, perdemos muito do conteúdo do Evangelho quando usamos esses clichês; uma das coisas que perdemos é a glória do Evangelho. Temos a tendência de pensar no pecado como algo separado de nós—como se fôssemos pessoas respeitáveis e boas, mas que fazem algumas coisas ruins. Mas essa não é a verdade. Nada está mais distante da verdade! Fazemos aquilo que somos! ***Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias*** (Mateus 15.19).

É o seguinte: um dia, Deus não mandará pecados para o inferno, mas pecadores. Roubo, mentira, lascívia e adultério não sofrerão no inferno eternamente; ladrões, mentirosos e adúlteros sofrerão no inferno.

Deus envia pecadores para o inferno.

O pregador Jonathan Edwards pregou uma mensagem poderosa que se tornou peça fundamental no Grande Avivamento do século 17. O título da mensagem foi “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado.” Hoje, as pessoas mudariam o título dessa pregação para “Pessoas que fazem más escolhas nas mãos de um Deus bondoso.”

Deus acontece de estar profundamente irado com pecadores porque pecado é a maior manifestação de ódio contra Deus e de rebelião contra Sua lei escrita em nossos corações. O problema com as técnicas modernas de evangelismo é que acabamos varrendo para debaixo do tapete a verdade horrenda de que pessoas serão objetos da ira santa de Deus. Ao menos que venham a Cristo pela fé—Aquele que suportou a ira, o ódio e a falta de misericórdia de Deus o Pai contra pecadores—eles serão objetos da ira de Deus para sempre.

E aqui está a verdade gloriosa da graça de Deus: apesar de Ele odiar pecadores e o pecado, Ele enviou Seu Filho para suportar o castigo por nós, morrer por nós, tomar nosso lugar e pagar a nossa penalidade. E somos salvos pela fé nEle, não porque Deus enxerga em nós algo atraente, bom, agradável ou especial para nos redimir. Não, Ele enxerga apenas pecado vil, repugnante e repreensível. Mas Ele também enxerga em Cristo apenas aquilo que é puro, santo e amável, e pela fé no sacrifício de Cristo por nossa depravação, passamos a fazer parte do Corpo de Cristo puro, lavado, perdoado e redimido. Como resultado, somos, agora, eternos recipientes do amor eterno, abundante, gracioso e fiel de Deus.

Deus não tem mais motivo para nos odiar eternamente. Agora, Ele pode, sem se tornar cúmplice de pecado, nos amar porque fomos perdoados em Cristo: *ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve* (Isaías 1.18).

Mas o que acontece com aqueles que rejeitam esse Evangelho?

4. **Em quarto lugar, Davi nos informa que Deus permanece terrível em Seu julgamento.**

Veja o verso 6: *Fará chover sobre os perversos brasas de fogo*. A palavra hebraica para *brasas de fogo* tem a ideia de armadilha. Um erudito no hebraico escreveu: “É como se Deus jogasse um laço de cima.”¹¹

Mas veja que tem mais: *e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice*. Nesse cenário, é como se o vento estivesse pegando fogo também.

Um arqueólogo bíblico que estuda as cidades nas planícies de Sodoma e Gomorra descobriu evidência de uma erupção de petróleo. O registro bíblico nos informa que Deus enviou chuvas de fogo de gás e óleo em chamas descendo sobre essas cidades perversas.¹² Foi um julgamento tenebroso e se torna uma demonstração e alerta da realidade do inferno.

O mundo gostaria de poder pensar que Jesus Cristo jamais disse que julgaria o mundo, que Ele nunca condenou ninguém, mas que simplesmente andou por aí pregando o amor. Mas, ao contrário disso, Jesus repetiu, sim, várias vezes, Seu alerta de um julgamento vindouro com fogo ou inferno (Mateus 5, Marcos 9 e Apocalipse 20). E, é claro, nosso mundo se tornou ousado a ponto de descartar a Palavra de Deus e Seu alerta. É isso o que acontece quando o julgamento não vem—o mundo pressupõe que nunca virá. Conforme escreveu Pedro:

nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus

que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios (2 Pedro 3.3–7).

Em outras palavras, o primeiro derramamento universal da ira de Deus contra pecadores não arrependidos foi o dilúvio. Conforme Gênesis 9, Deus deu a Noé—e a todos nós desde então—um sinal de que jamais destruiria a humanidade novamente com água; esse sinal é o arco-íris. Pedro nos informa que o próximo julgamento não será com água, mas com fogo.

A humanidade incrédula será enviada para o lago de fogo, a terra e o universo explodirão numa bola de fogo gigantesca, e Deus criará um novo céu e uma nova terra (Apocalipse 20–21). E isso ainda está por vir. O mundo diz: “Ah, espere aí... nada disso acontecerá. Deus não está irado conosco! Ele não é desse jeito!”

O que acho mais irônico em nossa sociedade é que o símbolo que o movimento homossexual usa é o arco-íris. O próprio símbolo que se tornou um lembrete de que Deus eliminou completamente a humanidade do planeta com Sua ira santa contra o pecado e pecadores por meio do dilúvio—o arco-íris—é agora o símbolo de um movimento que rejeita a autoridade, o julgamento, e a ordem criativa de Deus para o casamento e pureza sexual.

Impossível ser mais irônico do que isso!

Por que Davi gasta tinta falando sobre o julgamento dos perversos em sua resposta a como devemos reagir quando os fundamentos são destruídos? Parte da resposta quanto ao que fazemos quando fundamentos desmoronam é olhar para Deus em busca de segurança, e nos lembrar de que os perversos não possuem segurança alguma—sua arrogância e afronta a Deus em breve acabarão.

A resposta não está tanto em fazer, mas em olhar. Olhe ao seu redor, mas não se esqueça de olhar para cima.

Quando fundamentos desmoronam, a humanidade rejeita Deus e persegue o crente que ousa representa-IO. Essa canção do Salmo 11 se torna um lembrete de que o *único* sofrimento que experimentaremos está confinado a esta vida. Contudo, para o descrente, a única glória que experimentará também está confinada a esta vida. O único céu que o descrente provará é o melhor que a terra oferece; o único inferno que o crente provará é o pior que a terra oferece.

Deus permanece inabalável em Sua soberania; Deus permanece ciente de Sua criação; Deus permanece justo em Sua ira; Deus permanece terrível em Seu julgamento.

5. Finalmente, Davi termina nos dizendo que Deus permanece satisfeito com Seus amados.

Veja o verso 7: ***Porque o SENHOR é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face.*** Não os perfeitos, mas ***os retos***, aqueles que gozam de um justo relacionamento com Deus através da redenção de Seu Filho.

As circunstâncias presentes podem ser tenebrosas, mas o futuro brilha intensamente.¹³

Enquanto isso, confiamos, esperamos, servimos e vivemos à luz desse dia futuro de glória. De fato, Paulo escreveu aos coríntios palavras maravilhosas: ***Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo.***

Quando Paulo escreveu essas palavras a cidadãos romanos morando em Corinto, eles imediatamente compreenderam a analogia. Toda vez em que um general romano vencida uma batalha, ele voltava a Roma num desfile ou procissão de triunfo. As multidões se enfileiravam às ruas para

celebrar. Adiante dos vitoriosos, ia o general derrotado juntamente com seus soldados capturados.

Em seguida, o general vitorioso desfilava sobre sua carruagem puxada por quatro cavalos e, atrás dele, vinha seu exército vitorioso. Todos gritavam: “Vitória, vitória, vitória!” Pessoas saíam pelas ruas balançando seus incensos especiais e as ruas de Roma ficavam cheias com o aroma e a fragrância da vitória.

Então, Paulo escreve com esse contexto em mente:

Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento (2 Coríntios 2.14).

O que fazemos quando os fundamentos são destruídos? Olhamos para Deus em busca de segurança; Ele está em total controle; Sua mão é o fundamento de granito sob os fundamentos frágeis e deteriorantes de nossa cultura, estado, reino e mundo. O trono de Deus está nos céus sobre todos. Ele habita a eternidade e reina até mesmo sobre o caos e rebelião de nosso mundo.

Um dia, essa canção chegará ao seu fim e O veremos face-a-face. Então, toda dúvida cessará; toda demora será esclarecida e toda ferida curada.

Quando os fundamentos se desfazem, a questão fundamental não é o que fazemos, mas para onde olhamos, para Quem olhamos. E Aquele para quem você agora olha pela fé, um dia você verá pessoalmente e O agradecerá eternamente por Sua infinita graça.

Então, olhe para Ele como nunca antes!

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado dia 20/09/2015

© Copyright 2015 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Adaptado de Michael Youssef, *When the Crosses Are Gone* (Kobri, 2011), p. 1.

² *Ibid.*, p. 10.

³ James Montgomery Boice, *Psalms: Volume 1* (Baker, 1994), p. 91.

⁴ W. Graham Scroggie, *The Psalms: Volume 1* (Pickering and Inglis, 1948), p. 87.

⁵ C. F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament: Volume V* (Eerdmans, 1988), p. 188.

⁶ John Philips, *Exploring the Psalms: Volume 1* (Loizeaux Brothers, 1988), p. 88.

⁷ Adaptado de *The Preacher's Complete Homiletic Commentary on the Book of Psalms: Volume 1* (Baker, 1978), p. 46.

⁸ Davis, 129.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ Adaptado de Philips, p. 90.

¹¹ Keil e Delitzsch, 190.

¹² Arthur G. Clarke, *Analytical Studies in the Psalms* (Kregel, 1979), p. 54.

¹³ Philips, p. 90.